

Apagamento do segmento /r/ em coda silábica na fala de Curralinho-PA: uma abordagem sociolinguística variacionista

Deletion of the /R/ Segment in Syllabic Coda in the Speech of Curralinho-PA: A Variationist Sociolinguistic Approach

Benedita Maria Do Socorro Campos De Sousa

Universidade Federal do Pará (UFPA) | Cametá | PA | BR
bmsocorrocampos@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-3597-0416>

Pryscélia Pantoja de Paula

Universidade Federal do Pará (UFPA) | Curralinho | PA | BR
prysceliapaula@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-0731-4980>

Resumo: Este artigo objetiva investigar o apagamento do segmento /r/ em coda silábica, tanto em posição medial quanto final de vocábulo, no português falado na cidade de Curralinho, localizada na Ilha do Marajó, estado do Pará. Fundamentando-se nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, foram analisadas 4.279 ocorrências do /r/ em coda silábica, obtidas por meio de entrevistas com 12 informantes, distribuídos de acordo com sexo, idade e escolaridade. Os dados foram transcritos, codificados e analisados com o auxílio do software estatístico *GoldVarb X*. Os resultados evidenciam que o fenômeno se manifesta em 54% das ocorrências, apresentando maior frequência em verbos no infinitivo, em posição final e entre falantes do sexo feminino. Além disso, a variação mostrou-se estável, não estigmatizada e condicionada por fatores fonológicos, morfossintáticos e sociais. Observou-se, de modo particular, que a omissão do /r/ em coda final, sobretudo em verbos no infinitivo, decorre da redundância morfológica e da fragilidade articulatória dessa posição. Desse modo, a análise realizada permite constatar a existência de um padrão fonológico socialmente legitimado, o qual se integra à identidade linguística local. Nesse sentido, o estudo contribui para o mapeamento das variedades do português falado na Amazônia e ressalta a relevância de documentar fenômenos linguísticos pouco explorados em regiões periféricas, ampliando assim a compreensão da diversidade sociolinguística do português brasileiro.

Palavras-chave: variação fonológica; apagamento do /r/; coda silábica; português amazônico; sociolinguística.



Abstract: This article aims to investigate the deletion of the /r/ segment in syllable-final position, both in medial and word-final contexts, in the Portuguese spoken in the city of Curralinho, located on Marajó Island, in the state of Pará, Brazil. Based on the assumptions of Variationist Sociolinguistics, 4,279 occurrences of /r/ in syllable-final position were analyzed, obtained through interviews with 12 informants, distributed according to gender, age, and educational background. The data were transcribed, coded, and analyzed with the aid of the statistical software *GoldVarb X*. The results show that the phenomenon occurs in 54% of the cases, with higher frequency in infinitive verbs, in word-final position, and among female speakers. Furthermore, the variation proved to be stable, not stigmatized, and conditioned by phonological, morphosyntactic, and social factors. In particular, it was observed that the omission of /r/ in final coda, especially in infinitive verbs, stems from morphological redundancy and the articulatory weakness of this position. Thus, the analysis reveals the existence of a socially legitimized phonological pattern, which integrates into the local linguistic identity. In this sense, the study contributes to mapping the varieties of Portuguese spoken in the Amazon region and highlights the importance of documenting linguistic phenomena that are rarely explored in areas distant from metropolitan centers, thereby broadening the understanding of the sociolinguistic diversity of Brazilian Portuguese.

Keywords: Phonological variation; /r/ deletion; Syllable coda; Amazonian Portuguese; Sociolinguistics.

1 Introdução

O português falado no Brasil caracteriza-se por uma ampla diversidade de traços fonológicos, cuja manifestação varia em função das regiões geográficas, dos grupos sociais e dos diferentes contextos de uso. Nesse quadro de heterogeneidade linguística, o comportamento do segmento /r/ em posição de coda silábica constitui-se como um dos fenômenos mais recorrentes nos estudos da fonologia variacionista brasileira (Callou; Leite; Moraes, 1998; Bisol, 1999; Oliveira, 2001).

O presente artigo se propõe a investigar essa variação na fala de moradores do município de Curralinho, situado na Ilha do Marajó (PA), de modo a contribuir para a documentação e análise das variedades amazônicas do português brasileiro. A escolha dessa

localidade, justifica-se pela escassez de investigações linguísticas direcionadas à Amazônia Legal, a despeito da reconhecida riqueza sociocultural e linguística que a caracteriza.

A pesquisa insere-se nos marcos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 1972), vertente que se contrapõe à existência de uma variação livre e explica a motivação das diferentes formas de realização, a partir de condicionamentos linguísticos e extralinguísticos. Partimos da hipótese de que o apagamento do /r/ em coda silábica, na fala marajoara, ocorre de forma sistemática, com padrões fonológicos recorrentes e possíveis implicações sociais.

O foco recai sobre o comportamento do /r/ pós-vocálico em coda medial e final, considerando os condicionamentos linguísticos e extralinguísticos que favorecem seu apagamento. O objetivo é verificar a produtividade do fenômeno e identificar padrões fonológicos, morfosintáticos e sociais relacionados à sua ocorrência, com atenção especial a fatores como classe de palavra, posição na sílaba, contexto fonológico, sexo, idade e escolaridade dos falantes.

A escassez de estudos voltados para a compreensão da linguagem do interior do Pará, especialmente em regiões ribeirinhas e insulares como o Marajó, reforça a relevância desta investigação. Ao abordar a fala de Curralinho, pretende-se lançar luz sobre fenômenos que escapam aos grandes centros urbanos e, por isso, permanecem invisibilizados na produção científica nacional.

2 A variação linguística e o uso variável do /r/ em coda silábica

A Sociolinguística Variacionista, corrente inaugurada por Labov (1972) e aprofundada no Brasil por autores como Tarallo (1985) e Bortoni-Ricardo (2004), parte da premissa de que as variantes linguísticas se distribuem de forma sistemática, podendo ser previstas estatisticamente com base em determinados condicionamentos. O fenômeno estudado neste artigo refere-se à variação da vibrante /r/. Este segmento tem sido objeto de estudos por ser fonologicamente instável em diversas variedades do português brasileiro (PB).

A língua portuguesa manifesta diversas realizações da vibrante, representadas pelo segmento /r/. Do ponto de vista fonológico, esse segmento pode ocorrer em posição inicial de sílaba como em “roda”; posição intervocálica, como em “espera”; ou ainda em coda silábica, seja na posição medial, como em “terceiro”, seja na posição final, como em “jogar”.

Segundo Bisol (1999), são múltiplas as variantes para o /r/ pós-vocálico: vibrante [r], fricativa velar [x], uvular [R], aspirada [h], vibrante simples [r], ou ainda um som retroflexo [ɻ]. Em posição de coda, as variações não alteram o significado do vocábulo. Por exemplo, a palavra “professor”, que pode ser pronunciada como [profes'sor], [profes'sox], [profes'soR], [profes'soh], [profes'sor], [profes'soɻ], [profes'soø], sem perda de sentido.

Em nosso estudo, não será possível abordar todas essas variantes, uma vez que a comunidade investigada realiza apenas a consoante aspirada [h], sendo as demais realizações do /r/ praticamente inexistentes. Assim, são pertinentes as palavras de Alves (2015, p. 22), que contribuem para uma compreensão acerca da variante /r/:

Além da alofonia existente para /R/, que confere diferentes peculiaridades aos dialetos do PB, alguns estudos como os de Votre (1978), Monguilhott (1997) e Monaretto (2000; 2002) que apontam para a não realização do segmento rótico em final de sílaba, representado por [ø], que pode ocorrer tanto em meio quanto em final de palavra.

A vibrante varia em função de processos fonológicos dialetais que afetam a realização dos segmentos na fala. Dessa forma, um estudo sobre a realização do /r/ pós-vocálico revela-se de grande importância, visto que suas variações estão correlacionadas a fatores linguísticos e extralinguísticos.

O apagamento do /r/ não é fenômeno recente. Callou, Morais e Leite (1998) destacam que essa característica já aparecia em textos do século XVI, inclusive nas peças de Gil Vicente, sendo associada à fala de personagens escravizados. No entanto, o que antes era visto como estigmatizado foi, com o tempo, generalizado a diversos estratos sociais. Estudos sincrônicos e diacrônicos realizados por essas autoras no dialeto carioca confirmam uma taxa crescente de apagamento do /r/ em verbos no infinitivo, chegando a 82% nas coletas realizadas na década de 1990.

No Pará, Oliveira (2001) analisou a variante presença/ausência do /r/ final em Itaituba e verificou que o zero fonético [∅] é amplamente usado, sobretudo em verbos no infinitivo e entre falantes com menor escolaridade. A autora sustenta que o apagamento está associado tanto a fatores linguísticos (posição da sílaba, classe de palavra, contexto seguinte) quanto sociais (sexo, idade e escolaridade). Gregis (2001), ao estudar o português falado em Porto Alegre, também identificou alta taxa de apagamento do /r/ em coda final, principalmente em verbos e entre mulheres jovens, corroborando a tese de que fatores sociolinguísticos desempenham papel decisivo na escolha da variante. Em seu estudo, verbos apresentaram 96% de apagamento, contra apenas 8% em palavras não-verbais, o que reforça a hipótese de que a redundância morfológica favorece a omissão da consoante.

Do ponto de vista articulatorio, Hora, Pedrosa e Cardoso (2010) explicam que a coda silábica constitui a posição mais fraca da estrutura fonológica e, portanto, é mais suscetível a apagamentos. Isso é particularmente evidente quando a coda ocorre no final da palavra, posição marcada por baixa perceptibilidade auditiva. Assim, a omissão do /r/ pode ser compreendida como parte de um processo de simplificação articulatoria que transforma sílabas fechadas (CVC) em abertas (CV), forma considerada mais natural em diversas línguas do mundo.

Esse raciocínio está alinhado à teoria fonológica de Selkirk (1982), segundo a qual a estrutura da sílaba influencia diretamente os processos de variação e mudança. Em português brasileiro, a tendência à abertura das sílabas e à eliminação de codas consonantais é um padrão recorrente.

Além disso, estudos como os de Monaretto (2000), Carmo e Taborda (2019) e Alves (2015) reforçam que a classe de palavra – especialmente o verbo no infinitivo – desempenha papel decisivo na supressão do /r/, em razão da previsibilidade morfológica já oferecida pelas terminações *-ar*, *-er*, *-ir*.

Tarallo (1985) sustenta que “as variantes são diferentes formas de dizer a mesma coisa, em um mesmo contexto, com o mesmo valor de verdade”, reafirmando a ideia de que formas como *falar* e *falá*, apesar da diferença fonética, compartilham o mesmo significado e mesmo contexto funcional. O apagamento do /r/ em coda, portanto, não pode ser entendido como falha ou erro, mas uma realização legítima dentro de padrões fonológicos e sociais bem definidos. Em comunidades como Curralinho-PA, onde a norma culta não é rigidamente imposta e os meios de comunicação locais reproduzem a fala regional, essa variação tende a ser aceita e transmitida intergeracionalmente, consolidando-se como um traço identitário da variedade local do português.

3 Os passos do fazer e os materiais

A pesquisa sociolinguística, como abordagem científica, tem por objetivo compreender fenômenos linguísticos reais a partir do uso da língua em situações espontâneas de comunicação. Como destaca Oliveira (1997 *apud* Bahia et al., 2023, p. 7), o método é “o conjunto de processos pelos quais se torna possível conhecer uma determinada realidade”. Assim, a metodologia adotada neste estudo fundamenta-se nos princípios da Sociolinguística Variacionista, que busca estabelecer relações entre as variantes linguísticas e os contextos sociais em que elas ocorrem.

No presente trabalho, os procedimentos metodológicos seguem o modelo proposto por Labov (1972), que orienta a coleta e a análise de dados linguísticos a partir de critérios sociodemográficos como sexo, idade e escolaridade. A pesquisa toma como objeto o apagamento do segmento /r/ em coda silábica, em vocábulos na fala espontânea de moradores da cidade de Curralinho-PA.

Cezário e Votre (2011, p. 142) ressaltam que, “graças à sua metodologia de análise da língua em situação real de comunicação, a Sociolinguística consegue medir o número de ocorrências de usos de uma variante e, sobretudo, fazer previsões sobre as principais tendências de uso”. É com base nesse entendimento que esta pesquisa foi delineada: registrando o uso espontâneo da língua, transcrevendo as falas e codificando os dados para análise estatística.

O *corpus* desta pesquisa foi constituído por entrevistas realizadas com 12 (doze) informantes, selecionados de forma aleatória e estratificados com base em três variáveis sociais: sexo, faixa etária e escolaridade. A seleção considerou apenas falantes nativos da cidade de Curralinho-PA ou indivíduos que tenham se mudado para o município ainda na infância, desde que não tenham residido fora da localidade por mais de dois anos consecutivos.

A amostra foi distribuída de forma equilibrada entre os sexos (06 homens e 06 mulheres), duas faixas etárias (16 a 39 anos e 40 anos ou mais) e três níveis de escolaridade (ensino fundamental, médio e superior).

As entrevistas foram realizadas individualmente, com gravações de voz por meio de um aplicativo de celular. Cada gravação teve duração média de 35 a 40 minutos, totalizando aproximadamente sete horas de material fonográfico. O roteiro seguiu tópicos relacionados à vivência dos participantes, como escolarização, infância, histórias locais, aspirações e cotidiano, com o objetivo de promover uma fala espontânea, minimizando a interferência do pesquisador.

Cabe ressaltar que, por se tratarem de entrevistas de fala espontânea, nem todos os informantes produziram todos os contextos possíveis para a ocorrência do segmento /r/ em coda silábica. Esse aspecto é inerente a estudos baseados em dados naturais e pode influenciar a representatividade quantitativa de alguns fatores linguísticos e extralinguísticos analisados. Ainda assim, o *corpus* reúne um conjunto significativo de ocorrências que possibilita identificar tendências robustas na comunidade de fala investigada.

3.1 Codificação e análise dos dados

Os dados fonológicos foram obtidos a partir da transcrição dos áudios, com ênfase nas ocorrências do segmento /r/ em coda silábica, nas posições medial e final de vocábulo. Identificaram-se 4.279 ocorrências válidas para análise. Em seguida, os dados foram organizados e codificados no formato requerido pelo programa estatístico *GoldVarb X*, amplamente utilizado em pesquisas sociolinguísticas de base variacionista.

A análise contemplou fatores linguísticos e extralinguísticos (ou sociais), com o propósito de verificar os condicionamentos que favorecem ou inibem o apagamento do segmento /r/ no português amazônico.

3.2 Fatores linguísticos considerados

Os grupos de fatores linguísticos considerados neste estudo são compostos por uma variável dependente, correspondente à manutenção ou ao apagamento do segmento /r/ em coda silábica na variedade linguística da cidade de Curralinho. Os fatores linguísticos selecionados para a análise, a partir de estudos bibliográficos e da organização dos dados, foram cinco, além da variável dependente: posição da sílaba, vogal precedente, extensão do vocábulo, classe de palavra e contexto seguinte.

Quadro 01 – Variantes da variável dependente

Grupos de Fatores	Fatores
Variante da Variável Dependente	Presença do segmento /r/ Ausência do segmento /r/

Fonte: Elaboração própria

Para a realização das análises, foram considerados os fatores linguísticos previamente mencionados. O primeiro refere-se à posição silábica, subdividida em medial e final. Estudos como os de Alves (2015), Gregis (2001), Monaretto (2000), Hora, Pedrosa e Cardoso (2010) demonstram que a posição final favorece o apagamento da consoante, pois segundo Silva (2011), é em contexto de bordas de palavras ou encontros consonantais que o apagamento costuma ocorrer.

O segundo fator corresponde à **vogal precedente**, abrangendo as sete vogais tônicas orais do português (/a, e, é, i, ó, o, u/), que antecedem o /r/ em coda silábica. Exemplos ilustrativos incluem *falar, fazer, certo, partir, melhor* e *cirurgia*.

O terceiro fator diz respeito à **extensão do vocábulo**, analisada a partir das categorias monossílabo, dissílabo, trissílabo e polissílabo, com base em hipóteses divergentes entre Alves (2015), que associa maior apagamento a vocábulos menos extensos, e Oliveira (2001), que aponta a queda do /r/ em palavras mais longas.

O quarto fator considera a **classe gramatical**, incluindo substantivos, verbos (no infinitivo e no não infinitivo), adjetivos, conjunções, preposições, advérbios, pronomes e numerais. Parte-se da hipótese de que o apagamento é mais recorrente nos verbos no infinitivo (Oliveira, 2001; Monaretto, 2000; Carmo; Taborda, 2019).

Por fim, analisou-se o **contexto seguinte** ao segmento /r/, com o objetivo de verificar se o elemento subsequente condiciona sua manutenção ou apagamento. Foram considerados, nesse grupo, consoantes nasais, oclusivas, fricativas, laterais, africadas, as sete vogais tônicas do português brasileiro, além da pausa.

3.3 Fatores sociais considerados

Labov (2008) evidencia que os fatores sociais são de fundamental importância para a explicação da variação linguística. A identidade cultural de uma sociedade é transmitida no decorrer do ato da fala, pois a forma de pronunciar reforça o modo de vida do grupo social. Os grupos distinguem-se por aspectos sociais, econômicos, geográficos e culturais próprios. Nesse sentido, Segundo Fiorin (1999), a construção da identidade ocorre sempre em relação ao outro, uma vez que o sentido do mundo e das práticas sociais se estabelece a partir das diferenças.

Para a presente pesquisa, foram selecionadas três categorias sociais relevantes: faixa etária, escolaridade e sexo.

A **faixa etária** exerce forte influência nas pesquisas sociolinguísticas, uma vez que os diferentes usos da língua por indivíduos de distintas idades contribuem para a compreensão das mudanças de fala. Por exemplo, uma criança apresenta vocabulário mais restrito; adolescentes e jovens recorrem a expressões geralmente não utilizadas por adultos ou pessoas mais velhas; e, ao longo da vida, os hábitos linguísticos se modificam em decorrência das experiências vividas, resultando em uma linguagem mais elaborada. Labov (1994) defende a hipótese de que a língua de um indivíduo se constitui até aproximadamente os quinze anos de idade, e a mudança linguística pode ser observada em tempo aparente.

A **escolaridade** é outro fator extralinguístico analisado. Para Tarallo (1990, p. 47), “em uma sociedade tão estratificada como a nossa, fatal será que o nível socioeconômico e escolaridade do indivíduo tenha direta relevância sobre o seu desempenho linguístico”. Esse condicionamento auxilia a compreender como o sujeito desenvolve seu vocabulário, já que o nível educacional e a qualidade das instituições frequentadas refletem diretamente em seu repertório sociolinguístico.

O **sexo** dos informantes também constitui variável significativa. Cezario e Votre (2011, p. 148) observa que “nas sociedades em que as funções entre homens e mulheres são muito distintas, os falantes de um e outro sexo falam dialetos bastante diferenciados, como é o caso de línguas de várias partes do mundo”. Durante muito tempo – e, em alguns contextos, ainda hoje –, a educação destinada às mulheres foi distinta daquela oferecida aos homens. As funções sociais atribuídas a cada sexo explicam diferenças linguísticas e fazem com que determinadas variantes sejam mais prestigiadas que outras, uma vez que a língua está relacionada a atitudes sociais. Todas as mudanças e variações estão subordinadas a um complexo sistema de valores sociais, capaz de impedir, atrasar ou acelerar seu desenvolvimento. Assim, a variável sexo permite observar eventuais assimetrias na produção ou no apagamento do segmento /r/ entre os grupos analisados.

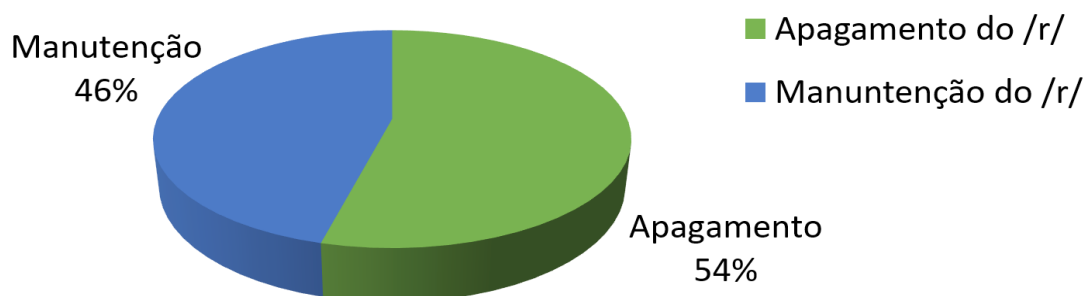
4 Resultados e discussões

Após o processamento do arquivo de dados, o programa computacional considerou todos os grupos de fatores linguísticos, elencados em ordem decrescente de significância: posição do segmento /r/ no vocábulo, classe morfológica, contexto seguinte, extensão do vocábulo e a vogal precedente; além de dois de três fatores sociais: sexo do sujeito e nível de escolaridade.

Percebe-se que apenas a variável social faixa etária não foi selecionada. A exclusão desse fator comprova que o fenômeno em análise não constitui mudança em progresso, podendo ser considerado estável, uma vez que os índices percentuais se mantêm praticamente iguais entre os informantes de diferentes idades: 54.4% na primeira faixa etária e 54.1% na segunda. Tal constatação acerca da estabilidade do fenômeno no português falado em Curalinho encontra correspondência em pesquisas realizadas em outras regiões do Brasil que investigaram a mesma variante, como Callou *et al.*, (1998), no Rio de Janeiro; Alves (2015), em Florianópolis e, Carmo e Taborda (2019), no interior de São Paulo.

Em termos gerais, os resultados revelaram percentuais muito próximos: do total de 4.279 ocorrências, o apagamento foi constatado em 2.321 (54%). Para exemplificação, destacam-se os vocábulos *passaø* e *teøceiro*, em que o apagamento é representado pelo zero fonético (\emptyset). A manutenção do segmento ocorreu em 1.958 casos (46%), como, por exemplo, nos vocábulos *jogar* e *internet*.

Gráfico 01 – Variantes da Variável dependente



Fonte: Elaboração própria.

Constata-se uma diferença de apenas 8% entre as variantes, com maior propensão para o apagamento. Contudo, os resultados também sugerem que a manutenção do segmento /r/ ainda se faz presente na fala dos curralinhenses, embora em menor proporção. Esse quadro confirma a tendência observada em Florianópolis, nos estudos de Alves (2015), com 56,5% de apagamento, e em Carmo e Taborda (2019), com 52,2% no interior paulista.

O grupo de fatores mais relevante para o apagamento do segmento /r/ pós-vocálico foi a **posição do segmento no vocábulo**. Os resultados encontram-se na Tabela 01:

Tabela 01 – Posição do segmento /r/ no vocábulo

Posição do segmento /r/ no vocábulo	Aplicação	Percentual	Peso relativo
Posição final	2230/2649	84.2%	0,92
Posição medial	91/1630	5.6%	0,01

Fonte: Elaboração própria.

Os dados indicam que a posição final é quase categórica para o apagamento, com peso relativo de 0,92 e percentual de 84,2%, como em *fazeø* e *professoø*. Em contraste, a posição medial apresentou peso relativo de apenas .01, registrando 91 casos de apagamento em 1.630 ocorrências (5,6%), como em *teøceiro* e *cuøso*.

Quanto ao contexto interno, observa-se que vocábulos como *porque*, *certo*, *perto*, *tarde* e *portanto* (analisados na classe de palavras) foram amplamente reproduzidos pelos informantes, exibindo menor índice de apagamento, tendência também registrada no português brasileiro em geral. O elevado índice de apagamento em posição final justifica-se pelo fato de a coda nessa posição ocupar a margem decrescente da sílaba, considerada a mais frágil, em virtude da redução progressiva da sonoridade, conforme a teoria de estrutura silábica de Câmara Jr. (1999).

O segundo fator selecionado pelo programa *GoldVarbX* foi a classe morfológica do vocábulo.

Tabela 02 – Classe morfológica do vocábulo

Categoria gramatical	Aplicação	Percentual	Peso relativo
Numeral	16/49	33%	0,85
Verbo no infinitivo	1855/2090	89%	0,65
Advérbio	4/52	8%	0,64
Verbo não infinitivo	60/255	24%	0,49
Adjetivo	81/219	37%	0,48
Substantivo	273/1065	25%	0,48
Pronome	17/18	95%	0,40
Conjunção	9/307	3%	0,36
Preposição	6/224	3%	0,00

Fonte: Elaboração própria.

Os verbos no infinitivo lideraram com 89% de apagamento (PR = 0,65), seguidos por pronomes (95%, PR = 0,40). O percentual elevado para a queda do rótico nessas duas categorias coincide com a explicação de Gregis (2001) ao mencionar que o pronome qualquer é formado, historicamente, pela palavra qual mais a forma verbal *quer e*, por isso, esteja sendo tratado pelos falantes como verbo. Os dados conferem com os resultados encontrados por Callou et al. (1998), Gregis (2001), Melo e Gomes (2018) e Oliveira (2001), pois esses autores tiveram uma taxa com mais de 90% de omissão da vibrante nesse vocábulo em diferentes dialetos brasileiros. No entanto, como os pronomes tiveram frequência muito baixa, optou-se por desconsiderá-los na análise inferencial. Substantivos e adjetivos, por outro lado, apresentaram baixos percentuais (25% e 37%, respectivamente), reforçando a tese de que o apagamento ocorre com menor frequência em classes nominais (Monaretto, 2000; Gregis, 2001).

Os verbos flexionados (não infinitivos) mostraram comportamento mais conservador (24%) e peso relativo a 0,49, sendo necessário destacar que há bem menos ocorrências de verbos não infinitivos (255 dados no total) do que de infinitivos (2.090 dados no total). Para Gregis (2001, p. 69) “os resultados indicam a possibilidade de uma mudança morfológica na direção de eliminar o /r/ como marcador de infinitivo verbal (com extensão analógica aos outros casos de /r/ final verbal)”.

As classes numeral e advérbio apresentaram pesos relativos expressivos (0,85 e 0,64), mas sua frequência, no *corpus*, não é suficiente para demonstrar a sua influência. Contudo, podemos insinuar que o programa considerou o fato de que a supressão desses vocábulos ocorreu especialmente em posição medial. Assim, levantaríamos a hipótese de que o verbo no infinitivo favorece o apagamento em posição final, enquanto os numerais e advérbios influenciariam a não realização da coda /r/ no meio de palavra.

Os adjetivos e os substantivos, classes que não apresentam informações morfológicas, são menos favorecedores da regra de apagamento, com percentuais de apenas 37% e 25% dos dados, respectivamente, e apresentaram baixa significância, ambas com peso relativo de 0,48 para a manutenção do fenômeno. Esses dados corroboram a literatura da área, segundo a qual é mais difícil ocorrer o apagamento final de vocábulos nos nomes do que nos verbos (Monaretto, 2000; Carmo; Taborda, 2019; Alves, 2015).

Já as conjunções e as preposições foram praticamente irrelevantes no processo de apagamento, com apenas 3% de ocorrência. Nossos resultados diferenciam-se dos de outros trabalhos sobre o fenômeno em questão, nos quais a conjunção apresentava percentuais que favoreciam o apagamento, como em Gregis (2001) e Alves (2015). A preposição apresenta grande significância para a manutenção da variável, pois a presença de um fonema vocálico na palavra seguinte favorece a preservação do fonema consonantal por meio de um processo de reorganização silábica (Gregis, 2001).

A tabela 03 apresenta o terceiro grupo suscetível a supressão do rótico em coda. Analisaremos primeiro as vogais, a pausa e, por último, o fator consoante.

Tabela 03 – Contexto seguinte da consoante R

Contexto seguinte	Aplicação	Percentual	Peso relativo
Vogais posteriores	292/311	94%	0,60
Vogal baixa	276/314	88%	0,52
Vogais anteriores	236/321	75%	0,52
Pausa	262/364	72%	0,12
Consoante lateral	38/63	60%	0,62
Consoante fricativa	258/512	50%	0,83
Consoante nasal	296/648	45%	0,44
Consoante oclusiva	570/1471	38%	0,49
Consoante africada	93/275	34%	0,35

Fonte: Elaboração própria.

Entre as vogais, percebe-se um maior índice do fenômeno de apagamento diante de vogais posteriores com 292 ocorrências de um total de 311 dados, equivalente a 94%, e peso relativo 0,60. Exemplos de contextos com a vogal posterior foram: *vê_ um filho* e *batê_ o aluno*. As vogais baixas e anteriores receberam o mesmo peso relativo (0,52) e influenciaram a não manutenção do /r/ em 88% e 75% dos dados, respectivamente, como nos exemplos: *fazê_ aquilo*, *compra_ açáe* e *entra_ igual*, *melhora_ éssa* e *vence_ então*.

Nos casos em que o rótico se mantém diante de uma vogal no contexto fonológico seguinte, ocorre a reorganização da estrutura silábica (CVC → CV): o /r/ passa da posição de coda para onset e, de aspirada, passa a ser tepe, em razão da posição intervocálica, como em por'isso e ser'umano. Nascentes (1960, p. 31) menciona que a reorganização silábica é uma tendência das consoantes finais do português de se ligarem à vogal inicial da palavra seguinte.

Já o contexto de pausa obteve 72% de apagamento, mas com baixo peso relativo (0,12). Para Callou et al. (1998, p. 33), a vibrante pós-vocálica é muitas vezes tão débil que pode desaparecer quando seguida de pausa.

As consoantes fricativas foram o contexto fonológico que mais favoreceu o apagamento do /r/, com peso relativo de 0,83, como em *orientadô_falou* e *te_ceiro*. Segundo Gomes (2006), isso se deve ao fato de que fricativas e róticos compartilham traços articulatórios semelhantes, o que pode levar ao apagamento do segmento em coda por simplificação estrutural. As consoantes laterais também se destacaram, com percentual de 60% e peso relativo de 0,62. Por se tratar de um resultado inesperado, buscamos informações adicionais e, após observação cuidadosa das entrevistas, identificamos uma possível explicação: a maioria dos contextos seguintes em que a consoante lateral ocorreu estava em nomes próprios (*Carla*) ou advérbios (*mexe_lá*).

As consoantes oclusivas (38%, PR 0,49), como em *perto*; as nasais (45%, PR 0,44), como em *forma*; e as africadas (34%, PR 0,35), como em *suporti*, desfavorecem a aplicação da supressão, conforme indicam seus baixos percentuais e pesos relativos.

Nossos resultados corroboram com Votre (1978), Alves (2015) e Oliveira (2001): maior apagamento diante de vogal e pausa, e maior retenção diante de consoante.

Na Tabela 4, detalhamos os resultados de apagamento do /r/ de acordo com a extensão do vocábulo

Tabela 04 – Extensão do vocábulo

Extensão do vocábulo	Aplicação	Percentual	Peso
Polissílabo	185/479	39%	0,69
Trissílabo	686/1192	58%	0,56
Dissílabo	1081/1982	55%	0,49
Monossílabo	369/626	59%	0,26

Fonte: Elaboração própria.

Segundo a literatura sociolinguística, o maior índice de apagamento ocorreria em vocábulos monossilábicos, o que foi corroborado por nossa pesquisa, na qual se obteve percentual mais elevado de apagamento (59%), seguido por palavras trissílabas (58%) e dissílabas (55%). Pode-se perceber que os resultados se comportam de maneira semelhante quanto aos percentuais, com pequenas diferenças entre eles, indicando neutralidade em relação ao apagamento. As palavras polissilábicas, por sua vez, distinguiram-se das demais extensões, com supressão do /r/ em apenas 39% dos dados. Isso sugere que é um pouco mais provável o falante apagar o rótico em finais de palavras como *lêø*, *lugáø* e *entendêø* do que em palavras como *particular*.

No entanto, vale ressaltar que, apesar do baixo percentual de apagamento em polisílabos, o peso relativo foi bastante alto (0,69) e mostrou-se mais significativo para a supressão do segmento /r/. Em contrapartida, os monossílabos obtiveram peso relativo de 0,26. O contraste entre percentual e peso relativo em palavras mais extensas, em comparação com palavras de menor extensão, pode estar relacionado à distinção entre classes de palavras, como analisado em Gregis (2001), Monaretto (2000), Callou et al. (1998) e Oliveira (2001).

O último fator linguístico selecionado pelo programa *GoldVarb X* foi o contexto precedente do /r/.

Tabela 05 – Contexto precedente do /r/

Vogal	Aplicação	Percentual	Peso
Vogal posterior alta	27/140	20%	0,84
Vogal anterior alta	217/277	78%	0,64
Vogal anterior aberta	86/227	38%	0,62
Vogal anterior fechada	650/1091	60%	0,50
Vogal baixa	1112/1478	75%	0,46
Vogal posterior fechada	194/948	20%	0,44
Vogal posterior aberta	35/118	30%	0,25

Fonte: Elaboração própria

A vogal que mais favoreceu a supressão do rótico em coda silábica no meio da palavra foi a vogal posterior alta, com peso relativo de 0,84. As vogais anteriores alta e aberta mostraram-se relevantes para o apagamento em posição final de palavra, pois receberam pesos relativos muito próximos: 0,64 e 0,62, respectivamente. O contrário ocorre com a vogal posterior aberta, que apresentou peso relativo baixo (0,25), sendo altamente desfavorecedora. Uma possível explicação para esse resultado está relacionada à classe de palavras, já que a maioria dos casos de queda ocorreu em adjetivos, ainda que pouco frequentes, como *melhór*, *piór* e *maiór*. A vogal anterior fechada (0,50), a vogal baixa (0,46) e a vogal posterior fechada (0,44) mostraram-se neutras em relação ao fenômeno.

Quanto aos fatores sociais, o programa selecionou o sexo como principal condicionador. Houve maior peso relativo favorável ao apagamento da consoante entre as informantes femininas, com 0,61, em oposição aos informantes masculinos, que apresentaram apenas 0,38. Os dados indicam que, na sociedade curralinhense, os homens assumem um papel conservador e monitoram mais sua fala, reproduzindo uma linguagem mais cuidada e, conseqüentemente, utilizando menos apagamento. Esses resultados confirmam a tendência observada por Brescancini e Monaretto (2008) e Alves (2015), de que as mulheres são mais propensas a adotar variantes inovadoras.

Outra hipótese é que o fenômeno não seja socialmente estigmatizado, uma vez que os percentuais de apagamento foram próximos: 58% para o sexo feminino e 50% para o masculino. Esses achados se aproximam dos registrados por Alves (2015) e Gregis (2001), que também observaram índices semelhantes de apagamento entre os gêneros.

O fator escolaridade também foi selecionado. Informantes com ensino fundamental apresentaram 57% de apagamento, seguidos pelos de ensino médio (55%) e de ensino superior (50%), o que confirma que falantes com menor escolaridade tendem a usar mais a forma não padrão. À medida que o sujeito avança na escolarização, cresce a ocorrência da forma padrão em sua fala (Cezario; Votre, 2011). O grupo de ensino médio obteve o maior peso relativo (0,60), o que pode indicar que esse nível de escolaridade, geralmente associado a uma faixa etária jovem, adota formas mais livres da norma-padrão. Já os informantes com ensino superior mostraram-se neutros quanto à manutenção ou apagamento do segmento estudado, com 50% para ambas as variantes. Esses achados estão de acordo com Cezario e Votre (2011) e Votre (1987 apud Gregis, 2001), que relacionam maior escolaridade à preservação de formas prestigiadas.

5 Considerações finais

GoldVarb X Este estudo buscou descrever e sistematizar os condicionamentos linguísticos e sociais que determinam a realização ou o apagamento do segmento /r/ em coda silábica na fala de moradores do município de Currálinho, na Ilha do Marajó (PA). Com base em 12 entrevistas analisadas, obteve-se um *corpus* de 4.279 ocorrências da consoante /r/ em coda, das quais 2.321 (54%) evidenciaram o fenômeno de apagamento, enquanto 1.958 (46%) revelaram a sua manutenção.

A análise estatística mostrou que o apagamento do /r/ em Currálinho é um fenômeno regular, condicionado e estável, com predominância em: verbos no infinitivo, posição final de palavra, contexto fonológico com fricativas e vogais posteriores, informantes do sexo feminino e falantes com menor escolaridade.

Dentre os sete grupos de fatores investigados, apenas a variável social faixa etária não foi considerada significativa pelo programa *GoldVarb X*, o que sugere que a variação observada é estável na comunidade linguística estudada. Os demais fatores – linguísticos e extralinguísticos – foram relevantes para a explicação do fenômeno, permitindo uma visão detalhada dos contextos que favorecem ou desfavorecem a supressão da coda /r/.

Na posição medial, o apagamento foi bem menos frequente (5,6%) e condicionado por fatores específicos, como a presença de consoantes fricativas no contexto seguinte e o uso de numerais trissílabos. A manutenção, por sua vez, ocorreu especialmente em palavras funcionais, como conjunções e advérbios, com estrutura dissilábica e seguidas de consoantes oclusivas ou africadas. Esses contextos explicam, em parte, o equilíbrio entre apagamento e preservação do /r/ na fala da comunidade.

No que se refere aos fatores sociais, observou-se que o sexo feminino apresentou maior taxa de apagamento, confirmando uma tendência já documentada em outros estudos (Brescancini; Monaretto, 2008; Alves, 2015). A escolaridade também influenciou o fenômeno: quanto menor o grau de instrução formal, maior a frequência de apagamento, embora mesmo falantes com ensino superior reproduzam a variante inovadora, o que indica a ausência de estigmatização social para esse traço linguístico na comunidade.

O fato de a faixa etária não ter apresentado diferenças significativas entre os grupos reforça o caráter sistemático e socialmente legitimado da variante. Tanto jovens quanto adultos utilizam o apagamento do /r/ de forma recorrente, o que permite afirmar que o fenômeno não representa uma mudança em progresso, mas sim uma forma consolidada da fala local.

Conclui-se que o comportamento da coda /r/ na variedade falada em Curralinho reflete padrões similares aos observados em outras regiões do Brasil, mas com nuances regionais. Além de contribuir para o entendimento da diversidade linguística do português brasileiro, este trabalho também representa um esforço de valorização e registro das formas de fala da região amazônica, historicamente pouco representada em estudos sociolinguísticos.

Finaliza-se destacando a importância de pesquisas como essa para o mapeamento das variedades linguísticas no Brasil. Espera-se que os dados aqui apresentados venham somar-se a outros estudos sobre o segmento /r/ em diferentes localidades, ampliando o conhecimento sobre as realidades fonológicas do país e fortalecendo a representação da fala marajoara na literatura científica.

Referências

ALVES, Mariane Antero. Variação na produção/apagamento da vibrante pós-vocálica no falar florianopolitano. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 16, n.1, p. 20-35, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2015v16n1p20>.

BAHIA, Pablo Queiroz; BELO, Rayane de Lima Silva; FERREIRA, Luciana Rodrigues; SOUZA, Raimundo Renato Coelho de. A técnica do estudo de caso como estratégia metodológica aplicado na pesquisa científica. *Contemporânea. Revista de Ética e Filosofia Política*, v. 3, n. 6, 2023. DOI: 10.56083/RCV3N6-066.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. 108 p.

BISOL, Leda. *Introdução à fonologia do português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.

BRESCANCINI, Cláudia; MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. Os Róticos no Sul do Brasil: panorama e generalizações. *Signum: Estudos de Linguagem*, v. 11, p. 49-64, 2008. DOI: 10.5433/2237-4876.2008v11n2p51.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; MORAES, João A. *Apagamento do /R/ Final no Dialeto Carioca: um Estudo em Tempo Aparente e em Tempo Real*. *Delta*, vol.14, número especial, p. 61-72, 1998.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

CARMO, Márcia Cristina do; TABORDA, Isabela Ribeiro. *Apagamento de /r/ em coda silábica na variedade do interior paulista*. <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras>, Macapá, v. 9, n. 3, 2º sem., 2019.

CEZÁRIO, Cristiane; VOTRE, Joseph. *A sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2011.

FIORIN, José Luiz. *Línguas, identidades, fronteiras*. São Paulo: Contexto, 1999.

GOMES, Christina Abreu. Aquisição do tipo silábico CV(r) no português brasileiro. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 77-90, 1º sem. 2006.

- GREGIS, Ângela. *A variante zero do /r/ em coda final*: estudo de fala urbana de Porto Alegre. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.
- HORA, D. da; PEDROSA, J. L. R.; CARDOSO, W. *Status da consoante pós-vocálica no português brasileiro: coda ou onset com núcleo não preenchido foneticamente?*. *Letras de Hoje*, v.45 (1), p.71-79, 2010.
- LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, William. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994. v. 1.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno; Maria Marta Scherre; Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008. [1972].
- CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 141–155.
- MELO, Marcelo Alexandre Silva Lopes de; GOMES, Christina Abreu. Sobre variação, mudança e representação da coda (r) na comunidade de fala do Rio de Janeiro. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, 2018. DOI: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2018.v20n2a18330>.
- MONARETTO, Solange. *A vibrante pós-vocálica no português do Brasil: apagamento e fricativização*. 2000. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- OLIVEIRA, Marilúcia Barros de. *Apagamento e manutenção do (r) final de vocábulo na fala de Itaituba*. 2002. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.
- SELKIRK, Elisabeth. The syllable. In: HULST, Harry; SMITH, Norval (eds.). *The Structure of Phonological Representations*. Dordrecht: Foris, 1982.
- TARALLO, Fernando. *Relação entre língua e sociedade*. São Paulo: Ática, 1985.
- VOTRE, Sebastião]. *Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro*. 1978. Tese (Doutorado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1978.